



**ANUÁRIO
2009-2010**

CIEN Brasil

Centro Interdisciplinar sobre a Criança



C I E N

CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA

Apresentação

Este anuário 2009/2010 apresenta o CIEN Brasil hoje, como os laboratórios do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança, cada um de forma particular, sustentam suas pesquisas no campo da infância e adolescência.

Reunir a experiência que se consolidou no Brasil ao longo de vários anos tem o valor de revelar como a orientação do CIEN, sustentada na interdisciplinaridade, pode constituir-se em um instrumento de criação de respostas aos impasses e dificuldades encontrados em várias áreas e disciplinas.

O percurso, resultados e perspectivas expostos aqui evidenciam a diversidade de trabalho que os fundamentos do CIEN favorecem, mas também a invenção possível, singular de cada laboratório.

Muitos dos resultados destas experiências tivemos oportunidade de debater na Primeira Manhã de Trabalho do CIEN Brasil, em novembro de 2008 no Rio de Janeiro. Naquela oportunidade, vimos como as conversações, conduzidas pelos Laboratórios nos mais diversos contextos, permitem às crianças, aos adolescentes e aos parceiros de disciplinas diversas responsabilizarem-se pelo que falar quer dizer, fazendo vacilar o silêncio da mortificação, o imperativo da fala, o barulho da violência e atuações, a ladainha da fixação e das normas, o apelo utilitário e funcional, assim como a falação dos saberes estabelecidos.

A ressonância dessas conversações fazem-se escutar na queda de alguns ideais, nos abalos das identificações, na emergência do sujeito, na escuta de um saber inédito, no uso singular de

uma ficção, assim como na invenção de novas soluções aos problemas e impasses da infância e da juventude em nosso país.

Se a experiência do CIEN testemunha um uso possível da psicanálise, a novidade deste uso é a interdisciplinaridade, uma “invenção” que leva a psicanálise juntamente com outras disciplinas a colocar à prova a função da palavra entre os mais variados discursos. No entanto, quando a oferta da palavra encontra-se do lado do sujeito,

defrontamo-nos com a dimensão de surpresa que disto decorre e com a responsabilidade para que efetivamente as ficções de cada criança ou adolescente possam ser escutadas.

*Cristiana Pittella de Mattos e Heloísa Prado R.
da Silva Telles
Pela Comissão do CIEN Brasil*

Extratos do Relatório da Associação do CIEN¹

“É preciso avançar no campo social, no campo institucional e nos preparar para uma mutação na forma da psicanálise. Sua verdade eterna, seu real trans-histórico não serão modificados por esta mutação. Ao contrário, eles serão salvos, se nós apreendemos a lógica dos tempos modernos.”

Jacques Alain Miller. Le neveu de Lacan, p. 124

Centro Interdisciplinar sobre a Infância

Parece importante reafirmar o objeto do Centro Interdisciplinar sobre a Infância. Este objeto é a psicanálise e se concretiza através da pesquisa, do ensino e da formação. Sua abordagem se especifica pela interdisciplinaridade e por inscrever suas atividades no âmbito do Campo Freudiano, tal como o definiu Jacques Lacan, cujo ensino nos orienta.

Seus meios de ação consistem em favorecer o progresso da pesquisa e ajudar psicanalistas, trabalhadores sociais e da saúde mental, educadores, médicos, juristas e juizes, especialistas das disciplinas das ciências humanas, pesquisadores e estudantes colocando à sua disposição espaços, equipamentos, bibliotecas, serviços.

A interdisciplinaridade

Se a interdisciplinaridade está no coração dos fundamentos do CIEN, ela não deve, no entanto, ser confundida com a pluridisciplinaridade. A interdisciplinaridade, que está no princípio da criação da unidade de base do laboratório, é também o que, partindo da oferta de reunir parceiros de outras disciplinas, em torno de um tema de pesquisa, lhes dá a oportunidade de encontrar material para se

¹ Edição feita com a amável autorização do autor; ver na íntegra: *Rapport moral* du bureau de l'association du CIEN, por Philippe Lacadée - vice presidente do CIEN, Bordeaux, 03.03.2007.

deixarem ensinar pelas experiências e práticas de cada um. O laboratório é assim nosso meio de ação essencial. O traço-de-união de “inter-disciplinaridade” ilustra o fato de que o dispositivo do laboratório se estrutura em torno de um lugar deixado vazio, lugar de “saber não saber”², que só existe pela presença do discurso analítico, que não deve ser sustentado pelo psicanalista mas, no melhor, orientado por sua presença real, visando obter o mal-entendido e o passo atravessado, necessários a uma elaboração provocada a vários.

Este lugar vazio é garantido pela circulação, no quadro do laboratório, dos diferentes tipos de discursos reunidos em torno de uma pesquisa, envolvendo justamente certos pontos de impasse desses discursos. Estamos aqui para aprender a partir da disciplina do Outro.

Aqui, a meta é fazer circular o uso destes discursos, tornar viva a língua que os sustenta e saber criar os momentos onde se possa fazer valer a língua ambígua e equívoca, única capaz de fazer circular o uso do sujeito. É este uso dos diferentes discursos que evita cair no “clínico demais” ou na dita “supervisão da prática” ou no “grupo terapêutico”. Se há supervisão, ela se deduz no *après-coup* do processo de conversação interdisciplinar que anima os debates, não perdendo de vista a orientação do laboratório, cujo objetivo de pesquisa foi definido na declaração anual do laboratório, no escritório da Associação.

A conversação interdisciplinar

Assim, o CIEN, cuja prática própria é a da conversação, não pretende promover uma clínica, mas permitir uma conversação entre o discurso analítico e os discursos das outras disciplinas que têm seus mal-dizeres, para encontrar a felicidade de outras palavras, na troca. É este o efeito de transformação dos laboratórios do CIEN, como testemunham vários dos nossos parceiros, engajados neles. A clínica

² Expressão de Virgínio Baio.

relewa mais da ECF, das escolas da AMP, sem as quais o CIEN não existiria, das Seções Clínicas ou do CEREDA, mas não do CIEN.

A conversação interdisciplinar, além de particularizar o trabalho no laboratório, inaugurou um novo modo de laço social, orientado pela psicanálise, mas permitindo, sobretudo, a muitos dos parceiros encontrados, de entender e medir os efeitos de uma psicanálise além do Édipo, que se orienta pelo real próprio de cada um. Este real só é abordável por um sujeito, a partir do seu dizer e no quadro preciso de uma clínica sob transferência, estabelecida graças à presença de um psicanalista e no quadro de um tratamento particular.

É evidente que a maioria dos laboratórios demonstra nos seus diferentes trabalhos, as conseqüências do último ensino de Lacan, muito atual nessa modernidade irônica³, onde o saber do Outro é posto em questão e provoca efeitos devastadores na maneira pela qual as crianças e os adolescentes enodam seu corpo vivente à língua que eles habitam. É o que demonstram todos os numerosos laboratórios, trabalhando sobre a escola, e também sobre as numerosas instituições de ajudas/tratamento e justiça: todos sensíveis a esta “crise da linguagem” contemporânea, dessa modernidade irônica na qual o CIEN encontra seu lugar, que modifica a maneira como as crianças e os jovens falam e vivem seus corpos.

Esses são os diferentes testemunhos que os laboratórios recebem, quando sabem se fazer destinatários das pessoas a quem se endereçam, quer seja a partir das pesquisas com os educadores, ou em contato direto, a partir da conversação mantida nos diferentes lugares institucionais, onde vivem estas crianças, a fim de receber a transmissão de um saber necessário à sua maturidade⁴.

³ Expressão de Jacques-Alain Miller retomada no texto de Philippe Lacadée: “A modernidade irônica e a Cidade de Deus”, na Revista de La Cause Freudienne n. 64, originário da conferência apresentada em Belo Horizonte, onde os laços do CIEN foram estreitados.

⁴ Em breve será lançado um livro pelo CRDP em Bordeaux, a partir do trabalho do laboratório “Le pari de la conversation”.

Assim, a unidade do laboratório e sua inscrição no campo social, mais freqüentemente no coração do campo institucional, permite apreender os avanços do CIEN e nos prepara, no melhor, para saber fazer com a mutação dos diferentes discursos, que freqüentemente visam alocar a criança em residências, em impasses dos quais não podem sair senão através de posições cuja parte sintomática, o CIEN revela.

As conversações estabelecidas com essas crianças a partir de seus impasses lhes permitem “nomear uma parte do nome de seus sintomas⁵”. É o que, então, oferece a possibilidade de fazer valer de outra maneira o que pode trazer a uma criança, a entrada num discurso analítico com um psicanalista. O CIEN encontra aí seu justo lugar como o que pode favorecer o estabelecimento das condições para que seja autenticada uma verdadeira demanda da criança, saindo de sua própria palavra, e não mais predicada como medida de controle da parte impossível, que cabe ao próprio sujeito saber nomear. “No CIEN, a resposta está adquirida de tal forma que implica ser permanentemente posta à prova: ela se elabora sob medida nos laboratórios, sempre diferente e diferenciada graças à troca interdisciplinar, sem prejudicar o dizer nem o fazer de cada um. A excelência do princípio sob medida se baseia na sua precisão: ele induz em cada laboratório uma prática paradoxal, de não dispor de outra unidade senão a da unicidade dos sujeitos com quem se engaja a conversação, que tecem múltiplas formações e especializações. Na esfera do Um por Um, ninguém se adapta, cada um é adotado⁶”. Se nós soubermos entender “a lógica dos tempos modernos”⁷, então o CIEN terá feito sua parte para que seja salvo, o que faz o coração da prática psicanalítica, ou seja, o encontro com um psicanalista e a dimensão da transferência.

⁵ Expressão utilizada por Alexandre Stevens, assessor do CIEN, durante uma conversação aberta ao público, ao comentar a brochura do laboratório “Le pari de la conversation”.

⁶ Miller, J. editorial do jornal “Terre du CIEN”, n. 19.

⁷ Miller, J.-A. “Le neveu de Lacan”, p. 142.

A opinião dos laboratórios

Para evitar o “clínico demais”, não se trata de proibir o recurso às vinhetas clínicas, mas de se servir destas vinhetas para que cada um saiba melhor o que fazer com a prática de sua disciplina, o que não impede as referências ao que nos trazem a iluminação da descoberta de Freud e o ensino de Lacan.

A partir de sua unidade, o CIEN soube criar modalidades de conversação em contato direto com o campo social, que releva do ensino, das instituições de tratamento ou de educação, de locais de prevenção, da justiça, etc.

A via do CIEN é a de cuidar sempre da ampliação da conversação com os outros atores sociais, que, freqüentemente, a partir de seus pontos de impasses, demandam encontrar um lugar que os ajude a transformar seus impasses em questões, e, logo após, em objetivos de pesquisas interdisciplinares. Isso torna possível, por exemplo, o estudo de significantes obscuros, que são cada vez mais veiculados no nosso mundo de avaliação e controle, onde o maior risco é de ver desaparecer a importância da palavra, da língua articulada e a dimensão do dizer. É, de fato, esse dizer, aquilo que um sujeito enuncia, que está atualmente em perigo, na medida em que este dizer está cada vez mais desacreditado. E, como precisa Lacan: “não há sujeito senão do dizer⁸”.

Os laboratórios do CIEN são os lugares onde cada disciplina pode testemunhar e fazer valer a dimensão (*dit-mension*) subjetiva e o respeito ao sintoma particular a cada um. Ali onde cada parceiro continua sensível ao sofrimento ou à palavra da criança, mas não tem lugares onde possa falar disso, para saber como fazer sem depois se embulhar nas respostas pré-estabelecidas, válidas para todos e negando a particularidade de cada um, é responsabilidade do CIEN saber criar laboratórios nesse

⁸ Lacan, J. Le Séminaire, livre XVI “D’um Autre à l’autre”, Paris, Seuil, 2006, p. 66.

sentido. Pois, se existe uma verdade que se fala, existe uma outra “da qual se sofre”⁹ que não se diz como tal, exceto no dito distúrbio do comportamento ou numa passagem ao ato, mas “que é um fato, ou seja, que recobre um dizer”¹⁰, que só demanda ser escutado. Eis o que nos permite elevar todo distúrbio de conduta ou do comportamento à dignidade de uma pantomima, saindo de um texto que se escreve apesar do sujeito que é seu produto. Cabe-nos, a partir disso, estabelecer as condições de leitura desse texto como demonstram nossas conversações com as crianças.

“Os analistas do campo freudiano nos laboratórios do CIEN, realizam um trabalho – não clínico – mas tendo como tarefa arranjar no mundo contemporâneo – denunciando os entraves que fazem obstáculo e os falsos semblantes que o querem calar – um espaço onde o inconsciente se torne audível. Para isso, o inconsciente deve ter um destinatário.”¹¹

Os laboratórios e “a lógica dos tempos modernos”: a conversação esclarecida frente aos significantes obscuros

Os laboratórios do CIEN são os lugares que participam desse arranjo para que o discurso do inconsciente encontre seu destinatário. Sem fazer clínica, o CIEN tem uma prática que trata “o social”¹². Aliás, é importante que as brochuras do CIEN se multipliquem para fazer reconhecer o discurso analítico. Temos como exemplos todos estes significantes obscuros que reduzem os sujeitos a objetos – tais como “hiperativos”, “delinqüentes”, “psicopatas”, etc. Os objetivos de pesquisa devem se preocupar em saber como eles apareceram, quais são os seus propósitos e como responder

⁹ Idem, p. 69.

¹⁰ Idem, p. 69.

¹¹ Comentário de J. Miller durante a reunião dos laboratórios no outono de 2006.

¹² Expressão inventada por Martine Matteudi Gorrech e retomada por Philippe Lacadée no seu livro: “Le malentendu de l’enfant”, Lausanne, Payot Lausanne, 2006. **NT**: Contração de “soui” (cuidado, preocupação) com “social”.

de outro modo, para além da denúncia. Os objetivos podem ser duplos: encontrar um modo pelo qual o CIEN possa responder a estes significantes e reintroduzir a causalidade psíquica, lá onde ela desaparece.

Um dos ensinamentos do CIEN é a arte das conversações nos diferentes lugares onde o CIEN é convidado a fazer pontualmente ou mais regularmente conversações, para permitir mudanças decisivas para algumas crianças em fracasso escolar, ou tomadas por provocações languageiras, ou em momentos de agitação. Essa leveza de intervenção não pode cair na armadilha de tornar-se uma solução terapêutica do tipo dos grupos de fala servindo para todos, mas deve fazer valer o que é a especificidade do CIEN, ou seja, “a aposta da conversação” que faz de modo a que seja favorecida a dimensão do risco da palavra, cujo objetivo é “desamarrar as identificações”¹³ mais ou menos obscuras, algumas das quais petrificam os sujeitos que nós encontramos.

O CIEN tem hoje, mais do que nunca, a tarefa de bem dizer sua inscrição no campo social, pelas implicações cada vez mais numerosas e variadas de seus laboratórios. Ele deverá escolher a forma que adotará para que, uma vez que sejam melhor localizados seus laboratórios, saber se ele pode oferecer aos parceiros de outras disciplinas, a possibilidade de encontrar as instâncias de formação interdisciplinar, lhes permitindo saber fazer melhor na prática das suas disciplinas, para melhor acolher os pontos de sofrimento das crianças e dos jovens, dos quais eles se ocupam no quadro de suas profissões. Uma melhor divulgação implica um rigor ainda maior e um cuidado de pesquisa em todas as disciplinas referentes às crianças, tais como a medicina, a pediatria, a justiça, etc. nem sempre representadas em seus lugares devidos nos nossos laboratórios.

Tradução: Simone Bianchi
Revisão e edição do extrato: Bernadete Carvalho

¹³ Expressão utilizada por Eric Laurent, assessor do CIEN, ao comentar a brochura do CIEN, durante a conversão do II Colóquio do CIEN em Paris.

C I E N
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA

Extratos do Relatório da Associação do CIEN.....	4
Dar a Letra - PR.....	12
A criança e as ficções jurídicas - SP	16
Infância - SP.....	19
Os laços sociais nas instituições educativas - SP.....	21
Quanto tempo o tempo tem? - SP	24
Adolescência e virtualidade - RJ.....	26
Aprendendo a não saber - RJ.....	28
Brincante - RJ.....	30
Causar para não segregar - RJ.....	34
Escola como lugar de vida - RJ	37
a-Palavrar - MG.....	40
Conexões: psicanálise e educação - MG.....	43
E agora: Pai? - MG	46
Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas - MG.....	49
Linguafiada - MG	54
Medidas e Responsabilidade - MG	58
Ser mulher, mãe, professora - MG.....	61
Conversando com a educação - PE.....	64
Normas para inscrição de Laboratórios no CIEN-Brasil	66

Dar a Letra - PR

1. Local de trabalho do Laboratório:

Sede da EBP, delegação Paraná- reuniões quinzenais.

2. Nome do Laboratório:

“Dar a Letra”.

3. Campo de investigação:

São temas de pesquisa deste laboratório:

- “A construção da subjetividade no tempo do Outro que não existe”.
- “Quem é a criança de hoje?”.
- “O assujeitamento do homem contemporâneo ao discurso científico–capitalista; a exclusão do sujeito e suas consequências na experiência da constituição da subjetividade infantil”.
- “A arte como reveladora da falta e como instrumento para bordar o vazio, não tamponando-o, e sua função respectiva na infância”.
- “Qual o tratamento hoje, junto às crianças, do ‘impossível de educar’ enunciado desde Freud”.

4. Percurso:

O laboratório CIEN PR continua marcando seu percurso através de temas que surgem dos encontros entre profissionais que se reúnem em torno do significante CIEN e de suas propostas. O

número de participantes flutua e ocorrem pontos conclusivos, desde questões formuladas de acordo com as vivenciadas de cada um. Das conversações surgem pequenas invenções e ações.

Em junho deste ano o CINE CIEN, com a apresentação do filme “Leoló”, no intuito de lançar a jornada do CIEN em Buenos Aires, “A PRESSA EM RESPONDER”, contribuiu para o encaminhamento deste novo laboratório com a formulação de uma nova questão: a função da arte e as possíveis saídas do mal-estar contemporâneo infanto-juvenil, pela oportunização da vivência da arte a eles dirigida. Discutiu-se a função do sonho, a função da fantasia na subjetividade infantil hoje. A artista e compositora Rosy Greca, uniu-se aos integrantes deste novo laboratório e tratou sobre “o desencantamento da infância”, para apontar a negligência do mundo adulto quanto à necessidade infantil de construir suas teorias sobre o sexo e sobre o mundo e endereçar suas questões a um grande Outro que a autentique. Assim, uma nova questão se formula para este laboratório, originando um novo marco de pesquisa no CIEN PR. Através de vários encontros que ocorreram entre os novos membros, cujos nomes seguem ao final deste documento, constituiu-se uma nova interlocução: PSICANÁLISE, ARTE E EDUCAÇÃO.

5. Resultados, Impasses, Perspectivas:

Constatamos que um dos maiores efeitos da experiência do antigo laboratório CIEN PR foi a pacificação da angústia dos profissionais e mudanças da relação destes em suas práticas junto aos jovens.

A experiência da construção de um laboratório, a partir das diferentes práticas junto à criança e ao jovem, possibilita a formulação de uma verdadeira questão interdisciplinar e a localização de um ponto de impossível que mobiliza o grupo. A partir das reflexões do laboratório, das discussões dos casos e das situações observadas e enfrentadas, faz com que, ao introduzirmos a escuta dos

sujeitos em questão, possamos formular pequenas invenções que incidem sobre o destino de algumas crianças ou jovens em sofrimento social.

O ponto de impasse presente, via de regra, é a força do discurso atual nas instituições no empuxo de tudo normatizar e de como articular o sujeito singular na sociedade do “igual para todos”.

6. Nome dos responsáveis e endereços de contato:

Juliana Pires Spindola Correia. (Psicóloga)

Rua Alferes Ângelo Sampaio, 2006 - Batel

Curitiba/PR

CEP: 80420-160

Telefones: (41) 3222-2575, 3029-2980 e 9931-3855

E-mail: juspindola@gmail.com

Teresa Maria Aparecida Pavone (Psicanalista - EBP-PR-AMP)

Rua Padre Anchieta-1961 - cj.1306 - Champagnat – Curitiba/PR

Telefones (41) 3018-2820 9985-8750

E-mail: tpavone@terra.com.br

7. Nome dos outros participantes e disciplinas:

Ana Luiza Funghetti (psicologia e educação) - luizafunghetti@yahoo.com.br

Rosy Greca (arte) - artista, compositora, arte educadora e produtora cultural -
rosygreca@terra.com.br

Tânia Verona (sociologia e educação) - tania.verona@gmail.com

A criança e as ficções jurídicas - SP

1) Local de trabalho do Laboratório:

São Paulo: CLIN-a - Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo)

2) Nome do Laboratório de Investigação:

“A criança e as ficções jurídicas”

3) Campo de Investigação:

A proposta deste laboratório é pesquisar e questionar os modos de incidência do discurso do Direito sobre a criança. Tomamos como “ficções jurídicas”, nesta linha de investigação, as medidas de proteção à criança, organizadas de maneira própria em cada país, inspiradas e regidas pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

4) Percurso:

Em funcionamento desde fevereiro de 2004, este Laboratório dedicou-se a estudar, em uma perspectiva histórica, o deslocamento, na forma da lei, da criança no lugar de objeto a ser tutelado para a posição de “sujeito de direitos”, assim como a atuação possível e factual da lei, seus usos e também seus abusos.

Atualmente, o foco principal do trabalho está voltado para a discussão de situações práticas trazidas da experiência institucional dos participantes do Laboratório, centrando-se na posição do profissional frente às demandas que lhe são colocadas em um dispositivo jurídico.

5) Resultados, impasses, perspectivas:

Nosso percurso inicial conduziu a um questionamento de como as ditas “ficções jurídicas” incidem sobre a inventiva, ou melhor, sobre a ficção própria a cada criança, quando isso se faz necessário, em razão do declínio da imago paterna.

O desdobramento das discussões para a posição do profissional que atua no campo judiciário colocou como cerne a responsabilidade de cada sujeito (criança e adulto), no engendramento da dita “ficção jurídica”, sacudindo identificações ao Direito como um ideal regulador da vida contemporânea. O questionamento das situações práticas propiciou o aparecimento de hiatos na lógica hegemônica, do Universal, que convida à judicialização da vida, do cidadão, obturando o sujeito.

A conversação que ocorre no laboratório conta prioritariamente com psicólogos e assistentes sociais, imersos no discurso jurídico, por sua atuação profissional em instituição que recebe crianças e adolescentes sob a insígnia da proteção e garantia de direitos.

A esta conversação, ainda temos a perspectiva de trazer profissionais que tenham tido na disciplina do Direito seu aporte de formação.

Nesta direção e com o intuito de fomentar uma maior circulação deste laboratório do CIEN na cidade, demos um primeiro passo, realizando um encontro com advogados e professores de Direito da UNICID (Universidade da Cidade) - São Paulo, em que pudemos abrir uma discussão em torno dos impasses que enfrentam nas avaliações concernentes à disputa de guarda de crianças, em Varas de Família.

Esta experiência mostrou-se valiosa e temos como desafio provocá-la mais vezes, neste ou em outros espaços da cidade.

6) Responsável pelo Laboratório:

Siglia Cruz de Sá Leão

Rua Rubião Meira, 30 - Sumaré - São Paulo/SP

siglialeao@yahoo.com.br

fone: (11) 2476-1655 ou 8389-8135.

7) Nome dos participantes:

- Cláudia Margarido Pacheco (psicóloga judiciária; cmargarido@uol.com.br),
- Felipe Ortolani (psicólogo da Ouvidoria - Fundação Casa; felipe.ortolani@uol.com.br),
- Fernanda Mariano (psicóloga judiciário; femarian@hotmail.com),
- Isabel Aparecida Martins Ferreira (assistente social; famisabel2027@ig.com.br),
- Milena Vicari Crastelo (psicóloga; mvcrastelo@yahoo.com.br),
- Raquel Marinho (psicóloga; raquelmmarinho@ig.com.br),
- Simone Trevisan de Góes (psicóloga judiciária; simone.trevisan@gmail.com).

Infância - SP

1) Local de trabalho do Laboratório:

CLIPP (Clínica de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise) - São Paulo - SP

2) Nome do Laboratório de Investigação:

Infância.

3) Campo de Investigação:

Trabalho teórico sobre uma infância contemporânea.

4) Percorso:

As discussões dos Laboratórios do CIEN-SP (2008-2009) nos conduziram para a dissolução do Laboratório em Formação, junto ao Movimento dos Sem Terra, inscrito em 2006. Constatou-se que um dos impasses da consolidação desse laboratório estava associado ao fato dos encontros serem restritos aos militantes. A dinâmica do MST reproduz um tipo de infância nômade tal como à dos filhos de “bóias frias”, típico da zona rural brasileira, e a dinâmica da vida de militância dos adultos implica uma participação efetiva das crianças – como defesa ou símbolo de futuro.

Tal dissolução se deu, ainda, na perspectiva de transformar a proposta teórica interdisciplinar sobre a noção de uma infância contemporânea associada não só à questão da militância política, mas sim em um projeto ampliado para outros segmentos da sociedade. Assim, reformulou-se a proposta, ampliando a participação de outros interessados, em uma perspectiva teórica: um estudo sobre uma noção de infância.

5) Resultados, impasses, perspectivas:

Em 2009, formalizamos o início dos trabalhos com a adesão de outras duas psicanalistas da CLIPP, uma livreira, uma psicóloga de uma instituição de “crianças em processo de adoção”. No primeiro momento, debateram-se os princípios do CIEN, o dispositivo da Conversação e a perspectiva de construir um projeto de Laboratório.

Num segundo momento, após algumas reuniões, as questões passaram a girar em torno do entendimento do que é uma infância, a partir das experiências de cada um dos participantes. Ainda, está programado o estudo do Livro de Philippe Lacadée, *Le Malentendu de l'enfan* (Payot, Paris, 2002), com encontros periódicos.

5) Responsável pelo Laboratório:

Maria Noemi de Araújo (Rua Augusta, 1371/s.205 - Cerqueira César - São Paulo/SP, 01414-000 - noemi.araujo@globo.com, (011) 8122-2824; (011) 3255-4415)

7) Nome dos participantes:

- Maria Cristina Merlin Felizola e Aparecida Yára Wandick Valione (CLIPP);
- Odete Machado (Livreira) e Mônica M. Gonçalves (psicóloga).

Os laços sociais nas instituições educativas - SP

1. Local de trabalho do Laboratório:

Av. Pedroso de Morais, 631/conj. 31, São Paulo - SP

2. Nome do Laboratório:

“Os laços sociais nas instituições educativas”.

3. Campo de investigação:

Psicanálise e Educação.

4. Percurso:

Este trabalho encontra-se acoplado ao Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação do Instituto da Psicanálise Lacaniana e da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ele teve início, no final de 2006, a partir da demanda de uma escola de Educação Infantil da Prefeitura de São Paulo. Seus professores e equipe técnica se interessaram em trabalhar as questões da formação docente a partir das contribuições de Freud e Lacan. Os profissionais pediam uma articulação que cotejasse Psicanálise, Educação Inclusiva e Educação Infantil. Partiu-se, então, da identificação das mudanças sociais na sociedade globalizada. Uma investigação estabelecida através das contribuições do Dr. Jorge Forbes. Um trabalho que também se pautou, desde sua origem, pelas experiências e orientação do CIEN.

Posteriormente, para a realização do trabalho mais específico, foi sugerido o uso de um dispositivo que tem sido muito utilizado no âmbito da Associação Mundial de Psicanálise, a Conversação, tal

como foi proposta originariamente por Jacques-Alain Miller.

Após algumas conversações, os professores foram percebendo que não se tratava apenas de lidar com as queixas, pois as palavras, ao serem escutadas, traziam efeitos adicionais e geravam desdobramentos significativos no interior da escola. Um deles foi o dos professores se darem conta de que muitas de suas posturas perante as crianças eram eminentemente adultocêntricas. Surgiram, então, novas práticas sociais instituindo novos laços sociais, tais como a Roda de Conversa e a Assembléia das Crianças. Essas propunham que as crianças poderiam ser escutadas e consideradas, intervindo diretamente na dinâmica da escola.

5. Resultados, impasses e perspectivas:

Mais recentemente, configurou-se um impasse: a saída da diretora, grande sustentáculo do projeto. Ela está sendo designada para participar de um projeto maior: um trabalho com a comunidade da favela de Heliópolis. Com isso, algumas mudanças se fizeram sentir: o impasse da escola em relação à equipe substituta e a necessidade de manutenção do projeto mesmo após a sua ausência.

O objetivo do laboratório, em etapa inicial de constituição, é o de estudar de que maneira os laços sociais se tecem nas instituições educativas da sociedade globalizada, bem como de que maneira eles determinam os rumos das práticas docentes com as crianças na Educação Infantil, a partir das experiências encontradas no projeto.

6. Nome do responsável:

Leny Magalhães Mrech (coordenador) - Rua Simão Álvares, 745/apto. 52 - CEP: 05417-030 - (011) 91867972 - lenymrech@uol.com.br

Arlete Persoli (vice-coordenadora)

7. Nome dos participantes e disciplinas:

- Arlete Persoli - diretora - Pedagoga
- Rita de Cássia Ribeiro David - Educadora
- Janete Moura - Educadora
- Laurete Boulos - psicóloga
- Neide Esperidião - professora de música e doutorada em Educação na USP
- Michele Ueno - física e doutoranda em Educação na USP
- Elisabete Cardieri - Professora universitária
- Maurício Franklin - coach em relações humanas
- Henrique lafelice - professor
- Vanessa X. - aluna da Faculdade de Educação da USP

Quanto tempo o tempo tem? - SP

1. Local de trabalho do Laboratório:

Rua Ferreira de Araújo, 385, Pinheiros, São Paulo - CEP 05428 000 - Fone: (011) 3812 1753

2. Nome do Laboratório:

Quanto tempo o tempo tem?

3. Campo de investigação:

Educação.

4. Percorso:

O laboratório Quanto tempo o tempo tem? Nasceu do encontro de psicanalistas, professores, pedagogos, coordenadores pedagógicos e psicólogos envolvidos com os impasses da educação escolar. Em um primeiro tempo pesquisamos questões ligadas à inclusão em um laboratório intitulado O Imperativo da Inclusão Escolar. Embora os aspectos ligados à inclusão tenham sido o tema motivador, era importante saber acerca do modo de operar de um laboratório que tem como principal ferramenta a conversação. Com a pesquisa nos demos conta que este tema – a conversação -, não é simples e retornamos os textos de orientação do CIEN.

Este percurso nos fez alterar o rumo inicial do laboratório. Se o tema da inclusão escolar nos reuniu no início, o percurso da investigação nos levou ao tema do tempo na infância, considerando que na contemporaneidade a criança também está submetida à lógica do “tempo é dinheiro” e não devemos desperdiçá-lo, sob a ameaça de ficar pra trás, atrasado em relação aos

demais. Para a psicanálise o tempo tem uma lógica própria, menos submetida ao relógio e mais próxima da singularidade de cada um. Então como pensar as conseqüências para a infância? Como dialetizar as exigências cronológicas – necessárias para as instituições, para a vida social, etc. – com o desejo de cada sujeito? Que contorno é possível desenhar?

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O resultado foi a elaboração de uma proposta de conversação com educadores de um Centro de Desenvolvimento Infantil – CEDEI –, que funciona em um hospital de referência para todo o Brasil. Atualmente o Centro atende cerca de 300 crianças cujo horário de freqüência se adequa aos plantões das mães. Outra experiência que terá início em agosto e também será alvo das discussões no laboratório será com um grupo de adolescentes de uma escola pública na cidade de Cubatão com baixo rendimento no Índice de Desenvolvimento Educacional – IDEB.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Valéria Ferranti Baptista, psicanalista - Rua Ferreira de Araújo, 385, Pinheiros, São Paulo, SP - CEP: 05428000 - Telefone: (011) 3812 1753 - v.ferranti@uol.com.br.

7. Nome dos participantes, disciplinas, e mail:

- Ana Lúcia Esteves, psicóloga, analuciaesteves@ig.com
- Ana Paula dos Santos Rodrigues, pedagoga e psicopedagoga, ana_psr@yahoo.com.br
- Nanci Mitsumori, pedagoga, psicanalista nancimitsumori@uol.com.br
- Maria Luiza R. Anauate, psicóloga e orientadora educacional, mluizaricupero@hotmail.com
- Gabriela Gomes Costardi, psicóloga, gabicostardi@hotmail.com
- Mônica Nobre, psicóloga, monica_nobre@uol.com.br

Adolescência e virtualidade - RJ

1. Local de trabalho do laboratório:

Rua Getúlio das Neves, 25/sala 1 - Rio de Janeiro

2. Nome do laboratório:

Adolescência e virtualidade.

3. Campo de investigação:

A partir da interlocução entre os participantes, iremos tratar a evasão escolar no ensino à distância (EAD). Considerando o percurso tradicional no sistema escolar do jovem adolescente, encontramos facilidades e dificuldades em ambas formas de ensino. O laboratório pretende investigar as questões que afetam o desejo de saber do adolescente, ocasionando o abandono dos estudos, e a desinserção social. Utilizaremos vinhetas, textos e o próprio dispositivo de conversação na elucidação e no avanço da pesquisa.

4. Percurso:

O laboratório já teve dois encontros com a finalidade de integração do grupo, de definição do tema e algumas questões para a pesquisa.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O trabalho encontra-se em andamento com a perspectiva de delimitar o tema, questões e etapas da pesquisa.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Simone Bianchi - Rua Getúlio das Neves, 25/apto. 404 - Jardim Botânico - Rio de Janeiro/ RJ - CEP 22461-210 - sincaroach@hotmail.com

7. Nome dos participantes, disciplinas, email:

- Ana Martha Maia, psicanalista, anamarthaia@hotmail.com;
- André Luis Gomes, sociólogo, andrezico2000@yahoo.com.br;
- Crislaine Lima, assistente social, ascrislaine@yahoo.com.br;
- José Alberto A. Ferreira, psicanalista, jaaf@unisys.com.br;
- Lúgia Silva Leite, pedagoga, ligialeite@terra.com.br;
- Simone Bianchi, psicanalista, sincaroach@hotmail.com.

Aprendendo a não saber - RJ

1. Local de trabalho do Laboratório:

Grupo de conversação com orientadores educacionais e psicanalistas: Real Grandeza, consultório de Paula Kleve.

Palestras e grupos de conversação: Colégio Pedro II unidade de São Cristóvão.

2. Nome do Laboratório:

Aprendendo a não saber.

3. Campo de investigação:

Em 2009 demos continuidade ao trabalho do ano anterior, com o grupo de profissionais: orientadores, professores e estagiários. Em nossos encontros discutíamos casos trazidos pela equipe que foram se orientando na lógica singular, do um a um. Apesar desta conquista, houve um esvaziamento nos encontros e não pudemos começar as conversações com os alunos como pretendíamos. A regularidade de nossos encontros ficou interrompida por uma obra que acontece na escola, algumas vezes não permitindo usar uma sala e, também por um acidente com uma van de transporte de alunos, onde morreram algumas crianças desta unidade. O que observamos como efeito tem sido a mudança dos profissionais trazendo um outro olhar sobre o que pode ser a função de cada um e de uma flexibilidade ao recolher o mal-estar da Instituição. Estamos neste momento pensando que direção tomar para o próximo ano.

4. Percurso:

Começamos a nos reunir em agosto de 2007, quinzenalmente. Desde então o grupo sofreu modificações, estando mais flutuante este ano. No entanto este trabalho continua sendo local de endereçamento de questões, fazendo com que novas pessoas queiram participar.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Monique Vincent (Pedagoga e Psicanalista) - vincent.monique@gmail.com

Paula Kleve (Psicanalista) - paulakleve@hotmail.com

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Kênia Miranda (Pedagoga e Historiadora)

Cida

Brincante - RJ

1. Local de trabalho do Laboratório:

Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Hospital de Puericultura da UFRJ (sala de espera dos ambulatórios, sala de quimioterapia e atualmente enfermarias).

2. Nome do Laboratório:

Brincante.

3. Campo de investigação:

A proposta é pesquisar formas de atenuar a dor psíquica das crianças em tratamento quimioterápico e verificar os melhores recursos e técnicas que o brincar oferece para diminuir tensões geradas no espaço hospitalar.

4. Percurso:

O laboratório Brincante resulta da demanda feita, em 2006, pela equipe médica do Setor de Hematologia do IPPMG – Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – que vem constatando um enorme sofrimento psíquico nas crianças que se encontram em tratamento quimioterápico, para doenças onco-hematológicas. Frente a essa problemática propus reunir uma equipe interdisciplinar que tivesse interesse em pesquisar diferentes formas de minimizar a dor psíquica desse grupo de crianças. Esse trabalho reúne médicos, professores, alunos de educação física, alunos do curso de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ e de especialização em

outras instituições. Atualmente fui procurada por uma professora da Faculdade de Educação da UFRJ e estamos firmando uma nova parceria com um projeto que trabalha com oficinas de cinema (CINEAD). Nosso espaço de conversação se dá na Escola de Educação Física é semanal, com alunos e professores, e no hospital de forma assistemática, com médicos e enfermeiros. A pesquisa-intervenção acontece através das oficinas brincantes, que surgiram da necessidade de se viabilizar o ato de brincar, no espaço físico da sala de espera dos ambulatórios, na sala de quimioterapia, a partir de 2008, e enfermarias em 2009. Nesses espaços, atualmente, intervêm os 30 alunos da graduação da EEFD-UFRJ, dois alunos da pós-graduação do Instituto de Psicologia (cuja pesquisa é inspirada pela psicanálise), duas professoras, um designer, uma aluna do SEPAI - Hospital São Zacharias e a coordenadora do trabalho.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Uma das vertentes pesquisadas é a tensão entre o que se passa no espaço brincante, pois não é meramente recreativo, nele os oficinairos (alunos da graduação de Educação Física da Universidade) atuam como facilitadores do brincar, com uma proposta não diretiva, através do acolhimento e da escuta diferenciada, preocupando-se com a singularidade dos sujeitos brincantes, nome dado aos pequenos pacientes do hospital. Como resultado de nosso trabalho temos desenvolvido e pesquisado o brincar no ambiente hospitalar em diferentes vertentes, dentre elas destaca-se: a expressão gráfica, a desconstrução/construção no brincar, a angústia expectante e a passagem do mal estar ao prazer. Estes temas têm sido debatidos e apresentados nas jornadas científicas da UFRJ e congressos de psicologia. Já realizamos dois capítulos de livros, um artigo para revista da Secretaria Municipal de Educação (Revista Nós da Escola), além dos testemunhos dados ao CIEN digital e ao Terre du Cien (ainda não publicado). Cabe ressaltar que dois trabalhos apresentados em congressos receberam menção honrosa, outro foi escolhido como trabalho destaque, sendo indicado para publicação na revista Saúde e Educação para

Cidadania, além de recebermos dois prêmios FUJB (2007 e 2008 pela Fundação José Bonifácio). Portanto das produções realizadas no espaço do Brincante, ou seja, dos trabalhos apresentados pelos alunos e pela coordenação, 4 receberam prêmios do governo nos anos de 2007 e 2008. Como consequência do trabalho, no que diz respeito às crianças, há uma grande mudança no mal estar veiculado ao ambiente hospitalar, fato constatado pelo depoimento dos pais, das próprias crianças e da equipe médica. Entretanto, alguns impasses trazem dificuldades quanto ao fato de as crianças relutarem em abandonar as oficinas para ir à consulta médica, os alunos de educação física de poderem trabalhar na tensão entre a recreação, o lazer e a recriação (campo da psicanálise) que é o motor de nossa ação. Algumas dificuldades também foram vivenciadas em 2009, quanto ao espaço físico do hospital. Nestes primeiros meses a sala de espera estava em obras e a quimioteca teve também que ser deslocada por questões estruturais. Nesse período montamos as oficinas na seção materno-infantil e acabamos acolhendo crianças muito pequenas. As duplas de alunos nos plantões que acontecem três vezes por semana, na quimioteca, tiveram que se adaptar às condições precárias de espaço físico, mas no presente momento, os problemas estruturais já foram sanados. Nosso desafio, diante dessas vicissitudes, foi não recuar frente ao real que se impôs e assim pudemos reinventar o trabalho. Uma intervenção nas enfermarias, também, começa a acontecer semanalmente.

6. Responsável:

Ruth Helena P. Cohen: ruthcohen@uol.com.br; (021) 2511-0272 e (021) 9379-4995 - Aderente da Seção Rio de Janeiro.

7. Participantes:

Professoras de Educação Física:

- Márcia Fajardo de Faria: UFRJ - marciaff1@yahoo.com.br
- Marta Ballesteiro Pereira Tomaz: IBMR - maballto@yahoo.com.br

Alunos da Pós-graduação:

- Marcia Regina Lima Costa: IP-UFRJ - psimare@ig.com.br
- Claudia Alves Jacob - IP-UFRJ - jacob.claudia@hotmail.com
- Bruna Musumeci Soares: SEPAI - Hospital são Zacharias - brunamsoares@gmail.com
- Aline Cohen: PUC-RIO - alinemery.cohen@gmail.com

Alunos da graduação da EEFD-UFRJ:

- 30 alunos da graduação no segundo semestre de 2009

Equipe médica:

- Dra. Sonia Motta: Coordenadora da Humanização do IPPMG - soniasmotta@uol.com.br

Causar para não segregar - RJ

1. Local de trabalho do Laboratório:

Núcleo do grupo cultural AfroReggae na comunidade do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, situado no CIEP João Goulart na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

2. Nome do laboratório:

Causar para não segregar.

3. Campo de investigação:

O campo de investigação que nos norteia se situa no ponto de articulação entre as chamadas urgências subjetivas e os processos de segregação.

4. Percurso:

Com uma proposta de encontros mensais, a construção desse laboratório teve início em fevereiro de 2007. Temos buscado dar valor aos achados de cada um na contingência de cada situação, sem pretender universalizá-los para apoiar, aí, a integração da equipe. Integração que, pela própria fratura do grupo frente à precariedade dos significantes identificatórios que constituem sua unidade, resiste à dimensão da causa e da singularidade, tornando a tomada da palavra uma acirrada disputa em torno de quem tem razão.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Concluimos a ano passado (2008) com um trabalho endereçado à Manhã do Cien no Rio de Janeiro. Nesse trabalho foi possível situar três tempos no percurso de constituição do laboratório que levou a um novo uso da fala. Tornou-se possível falar a partir de sua questão, de suas dificuldades sem se sentir vulnerável ao ataque do Outro. Com isso se colocou a questão de uma elaboração coletiva a respeito de novas formas de manejo na relação com as crianças e os adolescentes, que necessitou a abertura de um espaço fora das reuniões institucionais. Esse momento exigiu um investimento a mais, visando a criação de um novo espaço diferente daquele inicial que coincidia com a rotina institucional. Esse passo não se deu. O trabalho ficou suspenso. Podemos supor, aí, um tempo de latência, momento para compreender, de onde pode surgir nova demanda, que já se anuncia. Aguardamos.

6. Responsáveis e contato:

Maria do Rosário Collier do R. Barros - mrcollier@terra.com.br - (21) 2579-0045/(21) 9958-0675

Maria Cristina Bezerril Fernandes (crisbezerril@uol.com.br) - (21) 94417939

Ana Tereza Groisman (anatfg@gmail.com) - (21) 98967022

7. Participantes e disciplinas:

- Aline Capparelli (assistente social)
- Bóris Trindade (coordenador)
- Camila (administrativo)
- Cíntia Duarte (administrativo)
- Débora Guimarães (pedagogia)

- Emerson Nunes (instrutor circo)
- Gilvan Gomes (coordenador circo)
- Graziele (limpeza)
- Henrique (administrativo)
- Lúcio (instrutor hip-hop)
- Sandra (alimentação)
- Sharon Will (psicóloga)
- Tatiane Curi (psicóloga)

Escola como lugar de vida - RJ

1. Local de trabalho do Laboratório:

Inicialmente na sede da Seção Rio quinzenalmente, se estendendo num 2º momento para as unidades escolares do município atendidas pela RPE (Rede de Proteção ao Educando).

2. Nome do Laboratório:

Escola como lugar de vida.

3. Campo de investigação:

“Como o excesso pulsional que surge como resto, pode ser acolhido a favor do laço social”?

4. Percurso:

Este grupo começou a se constituir, a partir do encontro de profissionais da RPE (Rede de Proteção ao Educando), projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, composto por Psicólogos, Assistentes Sociais e Educadores, que atuam nas escolas do Município do Rio de Janeiro, e que, em consequência das dificuldades que vinham encontrando para desenvolver um trabalho interdisciplinar, acreditaram que a proposta dos laboratórios do CIEN poderia trazer novas possibilidades para pensar os impasses de suas práticas.

5. Impasses:

Convivendo diariamente com uma realidade de violência social, carências de diversas ordens, saberes pré-estabelecidos e uma desmotivação crescente tanto dos professores e demais

profissionais da rede, como dos alunos (crianças e adolescentes), este grupo vem discutindo como lidar com este mal estar, pensando qual seria a particularidade desta civilização e como nossas equipes poderiam fazer a diferença.

Não se trata de produzir um saber, mas conseguir fazer funcionar o não sabido e afirmado nas certezas, desesperanças e nas impossibilidades.

6. Perspectivas:

De que modo? Fazendo acolher o que se mostra enigmático, o que é mal entendido, o sem sentido de alguns atos.

Não seria este o movimento para vida, projeto de Freud com relação a escola?

Neste sentido, nossa proposta de trabalho em laboratórios, se daria pela via das conversações, visando resgatar o valor da palavra para além do que é dito, aproximar cada sujeito do que lhe é mais genuíno e próprio, ou seja, sua causa de desejo.

7. Responsáveis:

Astrea da Gama e Silva, astrea@ii.com.br, tel: (21) 9116-1068/(21) 2294-8502, Estrada Dona Castorina, 84 - Horto - RJ

Andréa Martinelli, andrea_2h@hotmail.com, tel: (21) 9723-5771/(21) 2234-1066, Rua Santo Afonso, 44/sala 607 - CEP: 20511-170 Tijuca - RJ

8. Participantes:

- Jeanne Marie C. Ribeiro,
- Maria do Rosário Collier do Rego Barros,

- Viviane Oliveira, Camilla Martins,
- Gisela S. Rezende, Lys Alvarenga,
- Ana Paula R.Rocha,
- Samantha Lemos,
- Marina, Maria Avelino,
- Viviane P. da Silva,
- Elza Neves.

a-Palavrar - MG

1. Local de trabalho do laboratório:

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

2. Nome do laboratório:

a-PALAVRAR.

3. Campo de investigação:

Partindo da perspectiva do trabalho interdisciplinar – medicina, pedagogia, psicanálise – aproximar-se do impossível da questão sexual, sobretudo quando ela comparece como conteúdo a ser “ensinado” nos ciclos iniciais da escolarização. O desafio surge todavia maior quando se “sabe” que grande número do alunado já mantém vida sexual ativa. Reintroduzir a palavra; introduzir a possibilidade de formular a pergunta sobre a sexualidade; alargar a estreita passagem do “politicamente correto” da “educação sexual” introduzida como matéria curricular devido sobretudo ao crescimento de gravidez na adolescência, e o ratear do sexo para cada um que fala, de modo a que não se reforce o que tanto se quer prevenir, é o que pretende verificar como ‘saber-fazer’ com o impossível, pelo Laboratório. Do marco do “não-educável” que deixará distante, tanto quanto seja possível, o Ideal do saber-fazer, o Laboratório investigará as dificuldades da questão, no campo educativo, como ponto privilegiado para entrever novas respostas, possivelmente mais inventivas.

4. Percurso:

a-Palavrar surgiu de uma experiência de conversação com educadores de uma escola da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, que buscaram ajuda, via a psicanálise, para os impasses que o trabalho cotidiano de ensinar lhes apresentava – sobretudo impasses trazidos por comportamentos agressivos e de ordem sexual apresentados pelos alunos. À mudez dos educadores respondia o ato do aluno e, reciprocamente, o inverso. A conversação permitiu efeitos de atenuação de tais respostas imprimindo a direção de pesquisa do Laboratório a-PALAVRAR.

O Laboratório, dentro da formalização de “funcionamento” do CIEN, iniciou-se com suas reuniões regulares, estruturadas e definidas em relação à pesquisa em fevereiro de 2007 e se manteve até começo de 2009, momento em que o trabalho na Escola Municipal Maria das Neves foi encerrado.

O encerramento das atividades na escola citada não se verificou por “esgotamento” das possibilidades do trabalho, tampouco por desconhecimento dos efeitos benéficos advindos da prática de Conversação com os professores. A interrupção - melhor termo para caracterizar o final das atividades até então mantidas-, deveu-se à política mais ampliada da Secretaria da Educação Municipal que restringiu qualquer tempo livre do professorado fora da sala de aulas. Mediante tal obstacularização advinda dos altos escalões da política educacional municipal, a direção da escola não conseguiu operacionalizar medidas de sustentação do trabalho do a-PALAVRAR.

Atualmente iniciam-se gestões junto à diretoria de outra escola municipal, em relação à sua demanda para que nela sucedam as atividades de Conversação do Laboratório.

5. Responsável pelo Laboratório:

Maria Rita de Oliveira Guimarães

Rua Turibaté, 50/401, Sion - Belo Horizonte - Minas Gerais

Tel.: (031) 3223-3388, (031) 9166-8657 - mariarita.guimaraes@gmail.com

6. Participantes:

- Clara Maria Macedo de Paula - pedagoga,
- Licínia Paccini -médica, Glaucia Simões-psicanalista,
- Maria Aparecida Farage - psicanalista,
- Maria Melgaço, pedagoga,
- Maria Rita de Oliveira Guimarães - psicanalista,
- Susana Teatini, psicanalista.

Conexões: psicanálise e educação - MG

1. Local de trabalho do Laboratório:

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

2. Nome do Laboratório:

Conexões, psicanálise e educação

3. Campo de investigação:

Problemas de aprendizagem, de comportamento, violência e sexualidade na escola. Mal-estar docente.

4. Percorso:

O Laboratório foi constituído no final do ano de 2007, a partir da demanda das Secretarias Municipais de Educação e de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte feita ao NIPSE, para se propor uma ação junto às escolas avaliadas como as que não funcionam, visto as diversas dificuldades de seus alunos e outros impasses. A proposta da Conversação e outras formas de ação para abordar o que não vai bem na escola foram apresentadas aos gestores destas instituições e, desde então, cada escola, uma a uma, e se assim o desejar, convoca o Laboratório. Nestes casos, é feita, inicialmente, uma primeira conversação que chamamos “diagnóstica” e em seguida se desenvolve um trabalho com duração limitada. No ano de 2008, este trabalho foi realizado em 6 escolas públicas, e neste ano de 2009, outras seis foram contempladas, além de uma creche e duas escolas da rede privadas

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Os resultado mais notável deste trabalho é a transferência dos professores, educadores, pais e alunos, com a psicanálise. Um dos desafios é manter esta transferência, em detrimento do trabalho individual. Os impasses surgem a todo momento e tentamos explorar sua força inserindo-o no trabalho. A perspectiva é de continuidade: os educadores circulam na rede de ensino e divulgam em outros espaços escolares a experiência do Laboratório, que, ultimamente, tem sido solicitado para intervir sobre questões pontuais.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Ana Lydia Santiago

Rua Espírito Santo, 2727/704 - Bairro de Lourdes - Belo Horizonte - Minas Gerais

CEP: 30.160-032

a.lydia@terra.com.br

(31) 3282.5603

7. Nome dos participantes e disciplinas:

- Ana Paula Rodrigues, pedagoga, alfabetizadora.
- Flavia Helena Carneiro, pedagoga.
- Gustavo Chaves Batista, psicólogo e consultor em capacitação e formação de professores na área da educação e saúde básica (PSF).
- Jácia Santos, pedagoga, professora e coordenadora do programa Brasil Alfabetizado.
- Júnia Lara, psicóloga, coordenadora do curso de psicologia da Faculdades Newton Paiva.

- Kátia Mariás Pinto, psicanalista, experiência em formação técnica e articulação de rede em medidas sócioeducativas para jovens em conflito com a lei.
- Katia Zachée, psicóloga, coordenadora da central do orientador social voluntário, na Secretaria de Assistência Social da PBH.
- Luciana Botrel Vilela, estudante de psicologia.
- Libéria Neves, psicóloga e artista de teatro.
- Ludmilla Faria Feres, psicanalista, Superintendente das medidas em meio aberto e semi-liberdade, da SUASE-Sub-subsecretaria de Atendimento Sócio-Educativo.
- Margarete Miranda, psicóloga.
- Maria Cristina Vidigal, psicanalista.
- Maria Rachel Botrel, psicanalista.
- Marlene Machado, pedagoga, alfabetizadora.
- Paula Pimenta, psicanalista.
- Renata Dinardi, psicanalista.
- Renata Nunes, pedagoga.
- Rita Lima, pedagoga.

E agora: Pai? - MG

1. Local de trabalho:

Itinerante (Fica Vivo, Maternidade Odete Valadares)

2. Nome do Laboratório:

E agora: Pai?

3. Campo de Investigação:

A “gravidez na adolescência” tem tido incidência cada vez maior, com enfoque centrado na função materna excluindo-se o papel do pai. Existe um senso comum detectado pela psicologia social de que os pais adolescentes são irresponsáveis, indiferentes com suas companheiras e filhos. Entretanto, a situação é muito mais complexa do que sugere este estereótipo, não podendo ser generalizada. Torna-se necessário explorar essa complexidade e as pressões impostas aos pais adolescentes.

4. Percurso:

Iniciamos em junho de 2009 um grupo de trabalho composto por profissionais envolvidos na questão da adolescência e da gravidez. Inicialmente, estamos debatendo o tema e realizando entrevistas individuais com os adolescentes, para ofertar a eles o trabalho de uma pesquisa-intervenção sob a forma de grupos de conversação que encontram-se em formação.

Pretende-se com estes encontros de conversação promover uma reflexão e uma discussão viva entre os participantes, permitindo que a gravidez na adolescência possa ser melhor elaborada, não permanecendo no âmbito do “sem palavras”.

Assim nos orientamos a partir das questões: Quais os impasses e dificuldades os jovens encontram frente ao ato sexual que teve por conseqüência um chamado simbólico, à paternidade?; Quais as dificuldades encontram para ocuparem este lugar?; Este lugar simbólico pode franquear algo na vida deste jovem?; O que os jovens dizem deste senso comum de que eles seriam irresponsáveis frente às conseqüências de seu ato?

5. Resultados, impasses, perspectivas:

A expectativa é que a abordagem da gravidez através dos grupos de conversação possa permitir que se ultrapasse a condição de ato aleatório, ultrapassando a idéia de “irresponsabilidade”, dando-lhes um lugar para suas palavras e respostas.

Ao criar estes lugares de palavra investigaremos se esse dispositivo favorece a este jovem - que está nesse momento delicado da adolescência de um desligamento de autoridade paterna -, uma assunção da pertinência geracional que localiza-os como pai, capaz de transmitir uma herança simbólica.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Carla Almeida Capanema (Psicóloga, cacapanema@uol.com.br)

7. Nome dos participantes, disciplinas e e-mail:

- Ângela Vorcaro (Psicóloga, angelavorcaro@uol.com.br),

- Francisco José Machado Viana (Psicólogo social, analista de saúde, fviana55.psc@gmail.com),
- Joanna Ângelo Ladeira (Psicóloga, joanna.angelo@yahoo.com.br),
- Mariana Possas (estudante psicologia, marianapossas@terra.com.br),
- Viviane Pires (estudante psicologia, vivianedemelo.psi@gmail.com),
- Bernadete Quirino Duarte (Historiadora, bernadeteduarte@yahoo.com),
- Eduardo Fonseca de Alencar (multiplicador da oficina de rap do Programa Fica Vivo).

Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas - MG

1. Local de trabalho:

Laboratório Itinerante

2. Nome do laboratório:

“Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas”

3. Campo de Investigação:

Estamos orientados pela pesquisa sobre os modos de convivência e o laço social que se apresentam na experiência das práticas sócio-educativas, em seu território e fronteiras, investigando os embaraços, possibilidades, funcionalidade e limites desse campo aberto ao impossível, nomeado como “sócio-educativo”.

4. Percurso:

A construção deste laboratório teve seu início causado pelas discussões sobre a prática sócio-educativa, por ocasião do II Encontro Americano. Até o momento, aconteceram sete encontros. Com uma proposta de encontro mensal, a conversação tem sido o dispositivo utilizado para cerzir o enlaçamento das diversas questões e situações apresentadas por esse múltiplo que frequenta nossos encontros interdisciplinares. A partir do trabalho de muitos, pelas práticas que recebem na cidade a nomeação de “prática sócio-educativa”, temos investigado os elementos comuns que estão presentes na diversidade destas experiências, causados pelas situações de quando o real da adolescência se embaraça ao sintoma social evidenciando a complexidade do percurso.

5. Resultados, impasses e perspectivas:

O Laboratório tem tido seus encontros animados pela conversação em torno de situações de impasses e embaraços que atravessam a experiência da prática sócio-educativa. O que define uma prática como sócio-educativa? Importante se mostrou cunhar uma orientação diante desta questão, pois a ausência de uma orientação faz consistir a funcionalidade segregativa de soluções que, alinhando-se à lógica da adaptação e repressão, mortificam a convivência pelo engessamento das regras dos regimentos institucionais ou na exigência de eficácia das políticas públicas. A prática sócio-educativa faz-se viva quando se orienta a partir do saber do sujeito adolescente, abrindo uma porosidade na exigência absoluta dos significantes mestres que cotidianamente são oferecidos através dos discursos, a saber: os discursos jurídicos, pedagógicos, políticos, psicológicos e sociais. Entretanto, não cessam de se apresentar situações onde a disfunção real da experiência de cada adolescente interroga o ideal universal de funcionalidade das práticas institucionais. Muitas vinhetas práticas puderam demonstrar que a abertura para a solução singular de laço social que cada adolescente apresenta como resposta ao seu encontro com o real, pode ser uma orientação.

Como abrir nestas práticas situações que possibilitem ao adolescente tomar a palavra, como fazer uso das regras e manejar as intervenções interdisciplinares? Como incluir entre as fronteiras das práticas sócio-educativas a solução de inserção que cada sujeito é capaz de inventar? E quando a irregularidade se apresenta como modo de laço social? Qual medida pode orientar esta prática feita por muitos que atravessa o “socio-educativo”? Muitas são as situações e questões que se apresentam entre as fronteiras das práticas sócio-educativas.

A conversação interdisciplinar tem sido uma orientação a cada situação. ‘Caso-a-caso’, estamos construindo uma perspectiva de trabalho, em torno de questões que interrogam a prática,

orientados pela sua desfuncionalidade, quando o sujeito, diante do real de sua adolescência, mostra sua causa e seu gosto, nos espaços de convivência entre nós, condição singular de enredar-se no laço social.

6. Responsável:

Fernanda Otoni de Barros (fernanda.otoni@terra.com.br).

7. Participantes:

- Alessandra de Sousa Figueiredo; alefigueiredo2001@yahoo.com.br; Psicóloga / Serviço de Acompanhamento Sócio-Familiar da SMAS/PBH
- Alexandre – Branca de Neve.; Cabeleireiro, oficinairo do Fica Vivo! Santa Lúcia
- Alexandre; Jovem do Salão Eclipse - Cooperativa de jovens cabeleireiros
- Ângela Guerra Monteiro; aneguerra@uol.com.br; Psicanalista
- Claudineia Rodrigues Leal; lealcau@hotmail.com; Estagiária PBH
- Cris do Morro; Coordenador do projeto Vozes do Morro
- Cristiane Fernanda de Oliveira Zeferino; cristiane.zeferino@hotmail.com; Estagiária do Fica Vivo! Barreiro
- DJ Liu; Grupo Mente Fria, oficinairo do Fica Vivo! Santa Lúcia
- Edu; Grupo União da Sul, oficina de rap do Fica Vivo! Santa Lúcia
- Ezoldo; Adolescente/ CEIP Dom Bosco
- Fernanda Mara Moreira de Paiva; fernandamarapsi@gmail.com; Psicóloga/SEDS

- Fernanda Otoni de Barros; fernanda.otoni@terra.com.br Psicóloga/EBP-AMP
- Fred; Rap, Grupo R.A.P, oficina de rap do Fica Vivo! Santa Lúcia
- Joanna Ângelo Ladeira; joanna.angelo@yahoo.com.br; Psicóloga, técnica do Programa Fica Vivo! Aglomerado Santa Lúcia
- Jonathan; Jovem do Salão Eclipse - Cooperativa de jovens cabeleireiros
- Larrane; Jovem do Salão Eclipse - Cooperativa de jovens cabeleireiros
- Josiane Gomes Soares; josoares05@yahoo.com.br; Mediadora do IGESP
- Kátia Morcatti Nunes; Psicóloga do Programa Casa Dom Bosco
- Luiz Fábio Oliveira Leite; Oficineiro de Dança de Rua Fica Vivo! Cabana
- Maira Cristina Soares Freitas; mairafreitas@yahoo.com.br; Psicóloga - Técnica do Programa Fica Vivo! Cabana
- Manoela Reis; Adolescente – Centro de Reeducação Social São Jerônimo
- Mano Gu; Rap, Grupo Mente Fria, oficineiro Fica Vivo! Santa Lúcia
- Marcelo; Jovens do Salão Eclipse - Cooperativa de jovens cabeleireiros
- Marcelo Wagner de Lima e Souza; marcelo.souza@ymail.com; Psicólogo
- Marisa Renna de Vitta; rennavitta@yahoo.com.br; Psicóloga - Freud Cidadão. Programa de Atenção Psicossocial ao Portador de Sofrimento Mental
- Paula Naedy; Adolescente – Centro de Reeducação Social São Jerônimo
- Rafael Lacerda Siveira Rocha; rocha@riseup.net; Sociólogo - técnico do Fica Vivo! aglomerado Santa Lúcia

- Renata Craviée Fonseca Mendonça; recraviee@hotmail.com; Diretora de Atendimento - CEIP São Benedito
- Renata Lucindo Mendonça renatalucindopsi@yahoo.com.br; Psicóloga - ONG Manjedoura
- Rosana Ferreira de Amorim; rosebaby_bh@hotmail.com; Adolescente – Centro de Reeducação Social São Jerônimo
- Stephanie; Grupo Real Mina - oficina de rap do Fica Vivo!Santa Lúcia
- Tays; Grupo Real Mina - oficina de rap do Fica Vivo!Santa Lúcia
- Vanessa Rodrigues Cardoso; cardosorv@yahoo.com.br; Técnica do Programa Fica Vivo! Barreiro
- Vitor Luiz Sales Júnior; vitjunior2002@yahoo.com.br; Psicólogo - Centro Reeducação Social São Jerônimo
- Viviane Coelho Albuquerque; vicapsi@hotmail.com; Psicóloga - Secretaria de Defesa Social
- Viviane Ferreira Café; vivi_cafe@hotmail.com; Projeto Travessia
- Wallace; Adolescente / CEIP Dom Bosco

8. Responsável:

Fernanda Otoni de Barros

Linguafiada - MG

1. Local de trabalho do Laboratório:

Escolas Municipais de Belo Horizonte e abrigos.

2. Nome do Laboratório:

LINGUAFIADA

3. Campo de investigação:

Atualmente, crianças e jovens encontram-se compelidos a hábitos de linguagem em que predominam o insulto e a provocação para abordar as coisas do corpo, do sexo e do amor. Esse hábito contemporâneo testemunha um laço frouxo e devastador do corpo vivente com a língua cujos efeitos de segregação são, cada vez, menos discretos, seja nas escolas, nas famílias, nos espaços coletivos. Professores e pais já não sabem como transmitir sobre como enfrentar as vicissitudes do amor, do trabalho, do sexo e da morte. A convivência não se faz mais sob o signo da tolerância e do respeito às diferenças, e praticas cada vez mais segregativas são instituídas sob as vestes hipócritas das chamadas medidas de segurança. Investigamos a perda do gosto pelas palavras que tem sido prevalente entre crianças e jovens na rede municipal de ensino fundamental. Interessa-nos pesquisar e instalar meios para reanimar e recolocar em cena o gosto pela palavra que comunica, pois a precariedade desse gosto implicou num laço perigoso de nossas crianças e jovens com o Outro.

4. Percurso:

O Línguafiada se iniciou (2007) como um projeto de extensão universitária - elaborado e coordenado pela psicanalista Marina Caldas Teixeira - para atuar em abrigos para crianças em situação de risco social e nas escolas municipais da rede pública de ensino fundamental, conforme o programa Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte. Em 2008 foi criado o laboratório Línguafiada que reuniu outras disciplinas e introduziu a prática das conversações diante dos impasses recolhidos na experiência extensionista. Atualmente o Línguafiada pratica conversações em seis escolas municipais de Belo Horizonte junto a crianças entre 6 e 12 anos, e, em algumas ocasiões, conforme a particularidade de cada caso, junto aos professores dessas escolas.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

A medida-poética tem se mostrado um instrumento poderoso para ensinar crianças e jovens como escolher, num momento de encruzilhada, um caminho que tem coração, pois sob a intervenção dessa medida, o sujeito se decide sobre o uso da palavra que derruba muralhas (internas e externas), sobre a potência do humor e da poesia para conquistar um lugar e se inserir no mundo de forma viva e pulsante. Em nossas conversações e ações, sustentamos o convite dirigido a cada criança e jovem para brincar de poesia no ponto mesmo onde reverbera o encontro traumático com o real que faz furo no saber. No ensejo de aprender novas palavras e tornar outras mais belas, cada um tem a chance de inventar seu lugar no mundo, pois a palavra poética desvia a linguagem de seu curso habitual propondo outros cursos, entrecursos, intercursos. Ao perceber estes recursos, a pessoa pode também desviar seu pensamento. As conversações realizadas no Línguafiada têm permitido produzir mutações nos discursos de controle sócio-educativo que freqüentemente só conseguem enquadrar a criança e o jovem nos impasses dos quais elas não podem sair. O Línguafiada se faz destinatário das crianças e jovens aos quais se endereça nas

escolas municipais e nos abrigos, e no ensejo de construir uma linguafiada, às vezes presenciamos o nascimento de um malabar das palavras: crianças que eram chamadas de “desbocas”, “boca-de-sapo”, “obscenas”, “pequenos delinqüentes”, são agora designadas por seus nomes próprios e algumas até reconhecidas como artesãos da palavra-poética.

O Linguafiada invariavelmente propõe um tempo de convivência com a palavra poética na perspectiva de reconfigurar a convivência entre meninos e meninas, e entre jovens e professores – um tempo para introduzir balizas simbólicas no pior. A questão quase sempre é a de como forçar essa intromissão, de modo que ela abra a chance de invenções mais poéticas para tratar aquilo que arpeia os corpos, obseda o pensamento e atordoa os sentidos. Desde aí, meninos, meninas e professores terminam por serem envolvidos em uma prosa poética recheada de lirismo, galanteios e muito humor. A perspectiva do Linguafiada é de que a medida poética em doses diárias provoca extraordinárias metamorfoses: diante do estado de urgência provocado pelo excedente de sensualidade, crianças e jovens passam ao ato em modos subjugados pela vulgaridade do gesto e pela ausência de palavras. A oferta de uma línguafiada pela medida poética funciona como uma mão estendida por uma fenda que, por detrás da muralha do acontecimento, resgata os restos e recompõe os sujeitos, tornando-os capazes de inventar o próprio sintoma para dele se servir nos caminhos e descaminhos do amor e do sexo.

6. Responsável:

Marina Caldas Teixeira (psicanalista doutoranda em psicanálise) - mcaldas@uai.com.br

Tel: (31) 92186968

Rua Grão Mogol, 689 - Carmo - 30310-010

Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

7. Integrantes:

- Leo Cunha (escritor, poeta e jornalista e professor),
- Mário Alex Rosa (escritor, poeta e professor),
- Edmundo Novaes (escritor, professor, roteirista),
- Hércules Toledo (doutor em literatura, professor e pesquisador do Cnpq),
- Solange Campos (professora de literatura infanto-juvenil),
- Valéria Ferreira (professora, coordenadora do curso de Letras do Uni-BH),
- Cristina Leite (socióloga e professora),
- Mônica Barros (antropóloga e professora),
- Maria José Caldas Teixeira (pedagoga),
- Tacyane Guimaraes (atriz de teatro),
- Thiago Henrique Pereira Fernandes (ator de teatro),
- Lorena Gregório de Leon (Letras),
- Erasto Rosse Emrich Pinto (Letras),
- Luana dos Santos Dias (Letras),
- Cinta Carla Mendes de Carvalho (Letras).

Medidas e Responsabilidade - MG

1. Local de trabalho do Laboratório:

Vara de Atos Infracionais da Infância e Juventude de Belo Horizonte

2. Nome do Laboratório:

Responsabilidades e Medidas

3. Campo de investigação:

Adolescentes em conflito com a lei, seus familiares, trabalho com crianças e adolescentes dentro da concepção do “Melhor Interesse da Criança” e as contribuições da psicanálise dentro desse campo.

4. Percurso:

Iniciamos laboratório a partir da apresentação dos trabalhos em torno de uma vinheta prática. O tema da responsabilização tem sido trabalhado através de vários filmes, textos e livros e vinhetas práticas. Discutimos mudanças atuais na legislação e seus efeitos na prática junto às crianças e adolescentes. No início deste ano de 2009 o tema ampliou-se e temos conversado sobre a responsabilidade dos pais, sobre as medidas em meio fechado e os efeitos da segregação.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O resultado principal tem sido a sustentação de um espaço que nos causa, a partir do qual a lida no dia a dia com esses adolescentes e crianças recebe através das discussões interdisciplinares

perspectivas de intervenções orientada pela ética do bem dizer e pelo “Melhor Interesse da Criança”. Alguns impasses foram trazidos como a necessidade de intervenções não só junto ao adolescente mas também junto à família que muitas vezes dificulta ao adolescente cumprir a medida sócio-educativa. Perguntamos-nos como as intervenções do juiz, do técnico judiciário e do técnico da prefeitura incide em cada caso. A perspectiva é continuarmos a nos reunir uma vez por mês, alguns meses nos encontramos de 15 em 15 dias.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Cristina Sandra Pinelli Nogueira - Vara Infracional da Infância e Juventude de Belo Horizonte - Rua Rio Grande do Sul, 604 - 2º andar - Barro Preto; cristina.pinelli@hotmail.com; (31) 3275-3292 ramal 228 (tarde), 3334-1553 (res), 3295-5768 (consultório).

7. Nome dos participantes e disciplinas:

- Cristiana Pittella de Mattos - psicóloga,
- Dr. José Honório de Rezende - Juiz de Direito,
- Célio Garcia - psicanalista,
- Selma Braga Salzgeber - assistente social,
- Mônica Pilar - psicóloga, Marcela Andrade - psicóloga,
- Cristina Pinelli Nogueira - psicanalista,
- Clarisse Alves Pires - assistente social,
- Edméia Maria Nogueira Toledo de Souza - psicanalista,
- Alda Cristina Duarte - assistente social, psicóloga,
- Patrícia Rocha Lustosa - psicóloga, doutorando em sociologia,

- Monica Campos Silva - psicanalista,
- Ângela Churchill - assistente social,
- Kátia - psicóloga,
- Fernando Nogueira Martins Júnior - oficial de apoio judicial, estudante de direito,
- Cláudia Rosa Pansini Cunha – assistente social,
- Martha Di Bella - assistente social,
- Marina Soares - psicóloga

Ser mulher, mãe, professora - MG

1. Local de trabalho do Laboratório:

Belo Horizonte e Ouro Preto

2. Nome do Laboratório:

Ser mulher, mãe, professora...

3. Campo de investigação:

O foco prioritário do Laboratório é o adoecimento mental de mulheres-professoras e as saídas que estas encontram para lidar com o mal-estar docente. A pesquisa se compõe de dados quantitativos através de uma metodologia comparativa e um viés qualitativo a partir da metodologia da Conversação.

4. Percurso:

A partir da minha pesquisa de mestrado concluída em 1997, acerca do adoecimento mental de mulheres-professoras concluí que os problemas apresentados por elas extrapolavam a sala de aula e a sua relação com os alunos, pois ao serem perguntadas sobre os motivos que ocasionaram o seu desvio de função, elas traziam à tona cenas que eram um somatório de sua vida de mulher-mãe-professora, evidenciando o componente subjetivo e inseparável desses lugares que ocupavam.

A pesquisa de doutorado deu continuidade à discussão pelo viés das saídas que as mulheres-professoras encontram para não adoecer e aí o que se coloca em questão é a sua relação com o

saber. A partir dos destinos pulsionais de um sujeito com o saber: inibição, compulsão ou sublimação, cada mulher-professora tece seu estilo de ser professora tendo assim a possibilidade de inventar a saúde.

A pesquisa acerca do adoecimento mental foi atualizada em 2008 e se desdobrou em dados quantitativos através de uma metodologia comparativa e um viés qualitativo pela metodologia da Conversação no Laboratório; Ser mulher, mãe, professora... em 2008 foram convidadas 10 professoras e a frequência flutuou entre 7 e 10 participantes em oito encontros realizados em BH.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Não parece ser possível dissociar os projetos de vida que circundam a vida dessas mulheres: casar, ser mãe e ser professora. Culturalmente, essa perspectiva está colocada, havendo uma expectativa por parte da mulher e também da sociedade, que essa perspectiva se concretize. Na pesquisa e no Laboratório pareceu-me que ao aparecer uma falha em qualquer um desses projetos de vida, a saída poderia ser o “enlouquecimento”, ainda que histórico.

Com as alterações sociais em curso principalmente na segunda metade do século XX, há uma mudança nos modos de conceber e viver a sexualidade, assim como nos modos de conceber e vivenciar a maternidade e a paternidade, bem como as identidades e as diferenças subjetivas. Também os filhos saíram do lugar de puro objeto para ocuparem definitivamente o lugar de sujeito; assim como os filhos em casa, também os alunos na escola vêm se deslocando daqueles lugares estáticos rapidamente e isso tem deixado o adulto em situações embaraçosas... são estes os impasses que impactam a vida e a saúde de mulheres-professoras. Para 2009 estamos organizando um grupo em BH e um em Ouro Preto, local de trabalho atual da coordenadora.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Margareth Diniz

Rua Fernandes Tourinho, 735/sala 705, Lourdes, CEP. 30330-112

diniz-margareth@yahoo.com.br

7. Nome dos participantes, disciplinas, e mail:

Margareth Diniz

Conversando com a educação - PE

1. Local de trabalho do Laboratório:

Sede da Seção Pernambuco - em formação

Rua Sergio Magalhães, 66 - Graças - Recife - PE

2. Nome do Laboratório:

Conversando com a Educação

3. Campo de investigação:

O sintoma referido ao mal estar na educação

4. Percurso:

Esse laboratório – em formação, iniciou seu trabalho em 2007 e desde então tem proposto a conversação entre psicanalistas, professores, fonoaudiólogos, pedagogos e psicólogos da rede pública e privada de ensino, sobre as questões que afetam a educação, revelados em sintomas referido ao mal estar.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Entendemos que esse espaço tem contribuído de maneira singular, no que diz respeito a mobilização de uma reflexão na condução e na escuta dos impasses e perspectivas daqueles que participam das conversações.

6. Nome do responsável e endereço de contato:

Anamaria Vasconcelos - vasconcelos.anamaria@gmail.com

7. Nome dos participantes e disciplinas:

- Ana Maria Cabral - anam_cabral@yahoo.com.br
- Fátima Lucas - mafalusi@oi.com.br
- Patrícia Alves - alvespat@yahoo.com.br
- Paula Uchoa - paula_uchoa@yahoo.com.br
- Silvia Farias - silviargfa@gmail.com
- Zoracy Guerra - zoracyguerra@bol.com.br

Normas para inscrição de Laboratórios no CIEN-Brasil

Esquema de apresentação dos Laboratórios: O Laboratório já pode ter sido declarado ou mesmo ser candidato à inscrição de Laboratório e, ainda, pode figurar como Laboratório em formação.

Solicitamos a gentileza de fornecer-nos, em ordem, as seguintes informações:

1. Local de trabalho do laboratório
2. Nome do laboratório
3. Campo de investigação
4. Percurso
5. Resultados, impasses, perspectivas
6. Nome do responsável e endereço de contato (endereço postal, e-mail e telefone)
7. Nome dos participantes, disciplinas, e-mail.

Indicações quanto às normas para envio:

Caracteres: Times New Roman - tamanho 12.

Máximo de caracteres: 2000

Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil:

Cristiana Pittella de Mattos

cristianapittella@yahoo.com.br

Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles

helotelles@uol.com.br

Maria do Rosário Collier do Rego Barros

mrcollier@terra.com.br

Teresa Pavone

tpavone@terra.com.br

Equipe Anuário CIEN - Brasil 2009/2010:

Coordenação e Edição: Cristiana Pittella de Mattos e Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles.

Criação: Beatriz Marinho.

Apoio: IPSMMG - Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.